

AINDA QUE SEJA LOUCURA, HÁ NELA CERTO MÉTODO

O INCONSCIENTE SEGUNDO MATTE-BLANCO



Renan Racy



INM Editora

“AINDA QUE SEJA LOUCURA, HÁ NELA CERTO MÉTODO”

o inconsciente segundo Matte-Blanco



INM Editora

**“AINDA QUE SEJA LOUCURA, HÁ NELA CERTO MÉTODO”
o inconsciente segundo Matte-Blanco**

Renan Racy



I N M E d i t o r a

Copyright © 2026 Renan Racy

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Preparação de Texto e Revisão Ortográfica: Alba Lúcia Bastos Dezan, Tatiana Sayumi Seki e Sergio Gomes

Revisão Técnica: Sergio Gomes e Alba Lúcia Bastos Dezan

Capa e Diagramação: Caren Dantas e Wesley Nascimento

Marketing: Tatiana Sayumi Seki

Gerente Comercial: Anderson Pedrosa

Estagiário: Ryan Aranha

Estagiária: Mariana Cabete

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP):

INM Editora

Avenida Paulista, 326 - Conjunto 103

Décimo andar

Bela Vista — São Paulo-SP

CEP: 01307-002

Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora

*Aos meus pacientes, que possuem a generosidade de confiar a mim
suas loucuras privadas e a coragem de encarar
suas essências no espelho.*

“Chego, agora, ao centro inefável de meu relato; começa, aqui, meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph que minha temerosa memória mal consegue abarcar? Os místicos, em transe análogo, multiplicam os emblemas: para significar a divindade, um persa fala de um pássaro que de alguma forma é todos os pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma; Ezequiel, de um anjo de quatro faces que ao mesmo tempo se volta para o oriente e para o ocidente, para o norte e para o sul. (Não em vão rememoro essas inconcebíveis analogias; alguma relação têm com o Aleph.) Os deuses não me negariam, talvez, o achado de uma imagem equivalente, mas este informe ficaria contaminado de literatura, de falsidade. Além disso, o problema central é insolúvel: a enumeração, mesmo parcial, de um conjunto infinito.”

Jorge Luis Borges, *O Aleph*

SUMÁRIO

Prefácio	15
Apresentação	23
Introdução	27
Psicanálise, ainda	31
I O Alicerce, Freud	
A Histeria e a Teoria do Trauma	37
A Compulsão à Repetição e a Neurose Traumática	42
O primeiro modelo de aparelho psíquico	44
O Consciente	45
O Inconsciente	45
Os Sonhos e a Censura	47
II O externo e o interno, formulações de um impasse	
III O fetiche, um curto circuito	
IV Ignacio, o médico	
V Matte-Blanco, o psicanalista	
O Princípio de Generalização	67
Assimetria	68
Simetria	69
O modelo estratificado	70
O Paradoxo dos Números Reais	71
Entre Eu e o outro, 1 e 2	72
Entre o afeto e o pensamento	74
Os cinco estratos – um modelo para fins didáticos	75
VI Casos limites	
Dinâmica e transferência	77
Crise e potência criativa	78

Considerações Finais	95
Referências	101

APÊNDICE

1. “Entre Nuvens e Fundações: Do infinito do psicanalista, à singularidade do Sujeito – Entrevista com Ignacio Gerber”

2. Expressão na lógica simbólica das características do sistema Ics. ou a lógica do sistema Ics. - Ignacio Matte-Blanco

3. Cronologia das publicações de Ignacio Matte-Blanco

Prefácio

O triênio 1919-1921 foi de grande produtividade científica para Freud e é neste período que emerge um conceito revolucionário para a compreensão do Inconsciente: pulsão de morte. Em 1919, no texto *O infamiliar*, Freud intuiu a negação por meio da descrição da experiência estética do *Unheimliche*. Em 1920, em *Além do princípio do prazer*, propõe o conceito e o efeito *daimônico* da pulsão de morte e em 1921, no texto *Psicologia das massas e análise do Eu*, expande a compreensão dos fenômenos de massa a partir da afânise do Eu, negação que o dilui como elemento indiferenciado da massa. Esses reposicionamentos teóricos levaram-no, necessariamente, à proposição do Id em 1923, importante expansão, talvez a maior delas, na fundamentação de sua metapsicologia. Entretanto, a complexidade e as implicações desse novo e revolucionário conceito impuseram ao pensamento freudiano algumas aberturas que o próprio autor não teve tempo hábil de vida para desenvolvê-las de forma consistente. Até o final de sua obra, o Id permanece insuficientemente explorado, diferentemente do que ocorreu com os desenvolvimentos relacionados ao conceito de Eu, que ganha enorme preponderância sobre o anterior. Isso, certamente, está relacionado ao fato da compreensão do Eu, e mesmo do Supereu, ser mais acessível a um modelo científico fundamentado em paradigmas aristotélicos e a exploração do Id demandar construções lógicas menos acessíveis à razão e à intuição.

É aqui que as formalizações propostas por Bion e Lacan virão em auxílio de uma expansão possível da compreensão do conceito de Id. E, na base do pensamento desses dois importantes autores está o pensamento de Matte Blanco: a proposta do inconsciente estruturado como uma lógica matemática, lógica essa paradoxal para o pensamento consciente, mas sistemática e formalizável.

Entendo ser esse o ponto de partida das inquietações de Renan Racy para “se debruçar sobre a teoria do inconsciente desenvolvida por Ignacio Matte-Blanco”. De um modo muito pessoal, com a apresentação viva de uma clínica possível, vai nos apresentando seus movimentos

de aproximação da obra e da vida de Matte-Blanco e do modo como cresceu em si a curiosidade (elemento científico por natureza) de conhecer e articular o pensamento desse autor com sua clínica e com seus fundamentos metapsicológicos. O resultado é a obra que agora temos em mãos e que, seguramente, será de grande valia na divulgação e exploração de conceitos e proposições tão necessárias para o desenvolvimento do legado a nós deixado, sempre inacabado, mas potencialmente vivo e instigante, por Freud.

Um dos aspectos ressaltados pelo autor é o fato de a obra de Matte-Blanco ser inovadora por expandir e aprofundar as características do inconsciente mantendo-se fiel à descrição proposta por Freud e, ao mesmo tempo, propor um campo de expansão. No entanto, ainda que as inovações paradigmáticas apresentadas por Matte-Blanco se encaminhem para uma maior compreensão do inconsciente freudiano, elas não se desgarram em relação ao campo proposto por Freud, como vimos acontecer com vários de seus discípulos que, ao fim, deixaram, junto com suas obras, de ser considerados psicanalistas, como foi o caso de Jung, Adler e Rank.

Como um segundo plano de seu trabalho, mas não menos importante, o autor se propõe a articular os fundamentos teóricos apresentados por Matte-Blanco com a clínica dos casos *borderline* ou fronteiros, tão frequentes na atualidade na clínica de qualquer profissional que se apresente para lidar com o sofrimento psíquico humano. A clínica desses quadros psicopatológicos, sempre desafiadora para o psicoterapeuta, ganha novos contornos e novos recursos a partir das proposições que são aqui desenvolvidas.

Assim inicia seu capítulo introdutório: “Na clínica contemporânea nos deparamos, cada vez mais, com os pacientes *borderline*, pacientes que nos apresentam como característica marcante um ‘prejuízo’ na função de representação”. E segue afirmando que “para compreender esses desenvolvimentos contemporâneos existe uma necessidade fundamental de retomar a estrela da manhã da psicanálise: o inconsciente e sua lógica”.

O inconsciente e sua lógica, afirmação intrigante, pois ao separar o inconsciente e sua lógica, a tônica recai sobre a lógica do inconsciente. Freud ocupou-se sem descanso dessa pesquisa, mas faltavam a ele alguns paradigmas necessários para o desenvolvimento da metapsicologia em direção ao que seria a essência do Id. Os paradigmas clássicos utilizados por ele mostraram-se insuficientes a partir da proposição da pulsão de morte e da negação. A lógica aristotélica, os fundamentos de física clássica, da biologia e a geometria euclidiana — paradigmas presentes e fundantes da metapsicologia freudiana — são insuficientes para pensar um inconsciente mais-além daquele constituído por representantes-representativos e os representantes-afetivos. Para nos aproximarmos daquilo que poderíamos chamar de uma lógica do Id, fazem-se necessários outros paradigmas. Como fica evidente no trabalho de Renan Racy, é Matte-Blanco quem irá propor a matemática, especificamente a teoria dos conjuntos, como um dos pilares de sustentação de uma nova compreensão daquilo que não é consciente. É nesse ponto que a bi-lógica proposta por Matte-Blanco ganha toda sua importância. A mente seria, para ele, biunívoca, ou seja, teria dois modos de funcionamento simultâneos: o modo simétrico, que define o inconsciente, regido pela lógica simétrica na qual tempo, espaço, contradições e hierarquias não existem, sendo todos os membros de uma classe equivalentes, e o modo assimétrico, que determina o consciente, regido pela lógica clássica, com distinções, hierarquias, causa e efeito.

O encontro de Lacan e Matte-Blanco. O inconsciente como conjuntos infinitos e o gozo Outro

No *Seminário 19* de Lacan, está registrado de uma forma bastante enigmática (e algo incerto) um encontro possível entre Lacan e Matte-Blanco durante a visita que fez Lacan à Itália no ano de 1972. Nesse seminário, Lacan descreve o personagem não nomeado como alguém que “se apercebeu do valor dos elementos matemáticos para fazer emergir algo que concerne à nossa experiência de analistas”.

Refere a esse personagem o desenvolvimento de uma formalização matemática do inconsciente com a qual compartilha, inclusive na dificuldade de publicação nos meios oficiais da IPA, com o argumento que “você entende, ninguém compreenderá”. Inclusive, encerra a descrição dessa aproximação com um cuidado em relação à revelação do nome do personagem, temendo que a associação deste ao nome “Lacan” poderia prejudicar as pretensões daquele de ganhar espaço científico nas publicações oficiais da IPA. Vemos aqui o atravessamento da excomunhão lacaniana vigorosamente presente na década de 1970 do século passado, e que se mantém forte até os dias de hoje, mas também a rejeição que existe em incorporar o paradigma matemático na formalização do inconsciente entre os psicanalistas da IPA.

Inspirado na teoria dos conjuntos de Cantor, Matte Blanco propõe o inconsciente como operando com conjuntos infinitos. Nesse sentido, no inconsciente, um elemento representa todo o conjunto e todos os elementos de um conjunto são intercambiáveis. Como exemplo: amar uma pessoa pode ser igual a amar todas que pertencem à mesma classe, portanto: mãe = todas as mulheres = todas as figuras maternas = ∞ .

Para Matte-Blanco, no inconsciente existe um amálgama indiferenciado, dividido em subconjuntos infinitos, ao contrário das representações da consciência, que existem a partir de uma lógica assimétrica. Como nos conta o autor, Matte-Blanco foi estimulado a pensar a lógica do inconsciente a partir da teoria dos conjuntos, por Richard Courant, proeminente matemático do século XX. Com esse fim e a partir da teoria dos conjuntos, desenvolve os conceitos de generalização e bi-lógica, bastante explorados no capítulo 8 deste livro e Apêndice I, que é uma cuidadosa tradução com que Renan Racy nos brinda do texto publicado por Matte-Blanco no *International Journal of Psychoanalysis* em agosto de 1959, no volume 40, parte I.

Matte-Blanco parte do paradoxo do infinito entre 1 e 2 mostra que entre estes dois números reais existe uma quantidade infinita de números que, de certa forma, partindo de 1 nunca se alcança 2. O chamado “paradoxo dos números reais” aproxima-se da discussão

proposta por Lacan em seu *Seminário 20*, também a partir do paradoxo de Zenão, e que remete à teoria dos conjuntos infinitos e ao conceito de compacidade¹. Para Lacan podemos conceber dois gozos, o gozo fálico, que impõe uma lógica masculina, e o gozo Outro, fundamentado numa lógica feminina, que remete ao infinito e que só pode ser pensado a partir da teoria dos conjuntos infinitos e seu paradoxo. A decorrência necessária disso é que a lógica feminina, ao remeter ao infinito, só permite conceber a mulher como uma a uma, ao passo que o gozo fálico, decorrente da compacidade, ocorre num espaço finito, podendo apenas encobrir o gozo Outro. Lacan fala do bi-gozo; Matte Blanco, da bi-lógica. A sobreposição é evidente.

É nesse sentido que Lacan vai situar a compacidade, um desenvolvimento da topologia e que remete à teoria dos conjuntos infinitos, com o fracasso necessário e a impossibilidade da relação sexual, aproximando-a do paradoxo de Zenão. Diz ele que o gozo sexual tem o “privilégio de poder ser interrogado como estando especificado por um impasse”, impasse esse determinado pelo gozo Outro, apenas recoberto pelo gozo fálico. O gozo está, portanto, marcado por essa abertura, essa hiância, que não garante o gozo fálico, espaço limitado e fechado. Não se pode chegar a nada mais que o fracasso em função da impossibilidade da relação sexual suposta. Partindo dessa construção lógica, Lacan irá afirmar que o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que não há relação sexual.

Próximo à proposição de Lacan, para Matte-Blanco, o inconsciente nunca de fato se torna consciente, sendo esse fracasso inevitável pois, no pensamento assimétrico é necessária a utilização de um recurso que possa racionalizá-lo, no caso, a linguagem. Sendo, porém, a linguagem uma construção do próprio pensamento assimétrico, ela somente

1 Lacan faz uso do conceito matemático de compacidade em termos de conjuntos abertos, bem como a uma definição em termos de conjuntos fechados que ele apresenta como complementar à primeira. Nesse sentido, podemos dizer que um espaço é aberto ou fechado dependendo se ele contém ou não seus limites. Assim, numa reta real R o espaço fechado $[0, 1]$ inclui os pontos 0 e 1, enquanto o espaço aberto $]0, 1[$ não os inclui. As combinações entre espaços abertos e fechados, irão determinar as lógicas masculina e feminina, relacionadas, respectivamente, ao gozo fálico e ao gozo Outro.

pode tangenciar os fenômenos simétricos, nunca os revelar em sua totalidade, uma tendência infinita ao 2, que se afasta do 1, mas que nunca o alcança completamente. A conclusão é que o que é inconsciente, simétrico por natureza, nunca de fato se torna consciente, sendo a simetria apenas marcada pela assimetria. Lacan diria que a compacidade da lógica fálica, no máximo, encobre, contorna e limita o gozo Outro.

Vemos aqui, claramente, as fundamentações matemáticas de Matte-Blanco permeando a construção do pensamento lacaniano, naquilo que viriam a ser suas teorizações sobre o Real e o gozo, sobretudo o gozo Outro. Podemos aproximar os conceitos de simetria com o de gozo Outro e de assimetria com o de gozo sexual, uma distinção que é fundamental no desenvolvimento de uma metapsicologia lacaniana. O gozo Outro remetendo à lógica do feminino, o Outro absoluto, infinita e relacionada à tentação abissal e o gozo sexual, limitado e fechado, portanto, determinado pela lógica masculina, à qual, diga-se de passagem, Freud se viu aprisionado, impedindo-o de expandir sua metapsicologia e, portanto, o alcance clínico do método psicanalítico.

A contribuição de Matte-Blanco para a clínica de casos-limite

O autor nos convida também a rever a importância de Matte-Blanco nas expansões metapsicológicas em direção à clínica de casos-limite ou pacientes *borderline*, trazendo importantes contribuições sobre a sua psicopatologia. Ainda que procure nos dar um contorno do que entende por transtorno *borderline* a partir de vários referenciais que vão do médico ao psicodinâmico, questiona-se: “Para o psicanalista comum, qual o valor deste tipo de caracterização?” e responde prontamente e com alguma ironia: “praticamente nenhum”. Mas não desiste de seu percurso e brinda-nos com uma consistente reflexão sobre aquilo que poderíamos nomear patologias contemporâneas a partir do grande número de pessoas que, atualmente, sofrem mentalmente por uma falta de lugar que os condena ao corpo como única instância de expressão de sua dor. Esses pacientes, partindo das propostas de

Matte-Blanco, não têm um funcionamento pleno em bi-lógica, o que permitiria um amálgama entre intelectualização e afeto, havendo, portanto, desconexão importante entre suas ações e seu desejo. Pela dificuldade em relação à lógica assimétrica, vivenciam a assimetria como uma realidade, da ordem do somático.

Renan Racy traz uma importante contribuição para a clínica ao propor que os estados-limite, além de uma estrutura, devem ser compreendidos como uma lógica que se instala na relação, uma modalidade da dialética transferencial, ou seja, uma configuração específica no equilíbrio da bi-lógica do psiquismo do indivíduo que se apresenta na dinâmica transferencial de modo particular. Nesses indivíduos, a separação entre realidade e fantasia estaria ofuscada pela dissolução dos estratos entre pensamento simétrico e assimétrico, sendo “todo e qualquer ato de resistência da identidade sentido como violência, rebeldia ou comportamento antissocial”. Os objetos são fontes persecutórias, o que denunciaria a falha dos objetos primários. Nesta dinâmica transferencial, a exigência será que o analista assuma esta dupla função que o paciente não é capaz de assumir: sofrer com ele e representar, ao ser capaz de viver com ele em uma situação de simetria, pré-verbal, pois a assimetria é vivenciada como repetição da falha que o objeto primário apresentou.

Mas um alerta importante nos é dado quando o autor nos lembra que o vínculo só se estabelece a partir do momento em que a transferência é minimamente assimétrica, já que um processo de simetria absoluta, ou seja, “um processo transferencial pautado no estrato mais profundo do inconsciente, que não for submetido a nenhum processo de análise, enquadra o paciente e o analista em um conjunto único, não gerando uma disparidade possibilitadora de relação, pois analista e indivíduo são o mesmo”, uma situação absolutamente narcísica, portanto confusional. Assim, especialmente na clínica desses pacientes fronteiros, a lógica assimétrica deve ser equilibrada com a lógica simétrica, possibilitando a eles sentir e pensar em paralelo e concomitantemente.

Last but not least, o texto, ainda que se proponha a recuperar e explorar as ideias de Matte-Blanco, vai muito além disso. Renan faz importantes articulações com outros importantes autores psicanalistas e desenvolve relações consistentes do pensamento de autor em destaque com os fundamentos freudianos, mas não para aí. Em muitos momentos nos oferece reflexões pessoais e faz importantes construções teórico-clínicas, originais e estimulantes, com grande potencial de expansão de nossa própria compreensão do campo psicanalítico e transferencial.

Em suma, é um trabalho que tem uma proposta inicial que poderia ser algo restritiva, mas que, durante o desenvolvimento do trabalho, vai muito além disso, apresentando-nos um autor com pensamento próprio, com momentos de evidente originalidade e que em muito contribui para a expansão daquilo que nos foi legado por Freud.

*Ronis Magdaleno Júnior*²

2 Doutor em Ciências Médicas pelo Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM-UNICAMP. Pós-Doutorado pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Pesquisador Colaborador do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM-UNICAMP e do Laboratório de Pesquisa Clínico-Qualitativa do DPMP/UNICAMP. Médico Psiquiatra e Psicanalista, atendendo em Consultório Particular. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e da International Psychoanalytical Association.

O inconsciente é uma das pedras angulares da teoria psicanalítica. Proposto por Freud, esse conceito foi estabelecido pela apreensão de que os dados perceptivos não são toda a realidade do indivíduo, existe uma realidade psíquica formada pela imagem do mundo objetivo, que é atravessada pelo inconsciente, introduzindo um além do dado perceptivo. O inconsciente estabelece que aquilo que é cognoscível, é meramente um fragmento do sujeito, não sua totalidade. Aqui se inscreve o psiquiatra e psicanalista chileno Ignacio Matte-Blanco, autor pouco conhecido na América Latina. Inserido dentro de uma linha de psicanalistas que postulavam a compreensão de que o inconsciente possui uma lógica própria, Matte-Blanco se utilizou da teoria freudiana para desenvolver pressupostos originais. Neste livro, o psicanalista Renan Racy apresenta e explora seus principais conceitos, trazendo à luz uma obra vasta e influente. O pressuposto principal é que a obra de Matte-Blanco possui uma apreensão da lógica do inconsciente que nos permite uma visão da clínica contemporânea inovadora, justamente por observar o inconsciente não como uma estrutura, nem um estado ou energia, mas como uma lógica de funcionamento. Caso o inconsciente fosse totalmente apreensível, seria consciente. Caso o inconsciente fosse totalmente inapreensível, caótico, o trabalho da análise seria impossível. Sendo assim, o inconsciente deve ser regido por uma lógica própria.

